

# Três dilemas e um caminho para a esquerda brasileira: uma reflexão sobre as origens da crise e sua superação

*Three dilemmas and a path for the Brazilian left: a reflection on the origins of the crisis and its overcoming*

WILLIAM ALEXANDRE PEIXOTO DE MAGALHÃES

## RESUMO

O artigo explora o tema da crise das esquerdas, enfatizando três correntes que compõem esse campo do espectro político, sendo elas identificadas como esquerda marxista, esquerda identitária e esquerda “pobrista”. Cada uma se vê diante de um grande dilema que a desafia em sua perspectiva de transformar radicalmente a sociedade com vistas à emancipação dos seres humanos, sendo eles o saudosismo, o sectarismo e o conformismo. A não superação desses dilemas tem como consequência uma profunda desorientação política que se desdobra em na desconexão da realidade, na perda do senso de comunidade e no distanciamento do desígnio. Esse quadro, prolongado no tempo, incapacita a esquerda para formular um projeto de transformação do país e, logo, de cumprir sua autoproclamada missão. Para superar esses problemas é preciso enfrentar de forma contundente esses dilemas, se orientando pela primazia da realidade, fomentando o sentimento de comunidade e glorificando o desígnio. O sucesso dessa empreitada aponta para a reconstrução de um ousado programa de reformas políticas aqui desmembrado em três dimensões: as atitudes desejáveis para os defensores desse projeto, os valores que o orientam e o perfil que deveriam assumir as instituições existentes. O esforço aqui empreendido serve como um chamado à reflexão e à união das forças de esquerda comprometidas com um mundo mais igualitário e que proporcione a todos os indivíduos oportunidades para se desenvolverem como trabalhadores e a se realizarem como pessoas.

**Palavras-chave:** Crise programática; Esquerda brasileira

## ABSTRACT

The article explores the theme of the crisis of the left, emphasizing three currents that make up this field of the political spectrum, identified as Marxist left, Identity left, and Poverty-focused left. Each of these currents faces a major dilemma that challenges its perspective of radically transforming society towards the emancipation of human beings, namely nostalgia, sectarianism, and conformism. The failure to overcome these dilemmas results in a profound political disorientation that unfolds in a disconnection from reality, loss of a sense of community, and a distancing from purpose. This prolonged situation incapacitates the left from formulating a transformative project for the country and, consequently, from fulfilling its self-proclaimed mission. To overcome these problems, it is necessary to confront these dilemmas forcefully, guided by the primacy of reality, fostering a sense of community, and glorifying purpose. The success of this endeavor points to the reconstruction of a bold program of political reforms, which is divided into three dimensions: the desirable attitudes for advocates of this project, the values that guide it, and the profile that existing institutions should assume. The effort undertaken here serves as a call for reflection and the unity of left-wing forces committed to a more egalitarian world, providing all individuals with opportunities to develop as workers and fulfill themselves as individuals.

**Key words:** Programmatic crisis; Brazilian left.

## INTRODUÇÃO

A vitória de Jair Bolsonaro na eleição de 2018 representou o apogeu da crise iniciada em 2013, quando milhões de manifestantes saíram às ruas das maiores capitais brasileiras para protestar contra a má qualidade dos serviços públicos e a corrupção das elites políticas. Embora aquele acontecimento, que passou a ser denominado de *Jornadas de Junho*, possa ser encarado como uma expressão local de fenômeno mais amplo, que abarca todo o mundo ocidental – qual seja, a crise da democracia liberal –, é possível compreendê-lo, em seus aspectos particulares, como uma crise das esquerdas. Não apenas porque era o Partido dos Trabalhadores (PT) que presidia o governo federal à época, mas sobretudo porque foi em torno dele que se desenvolveram os principais conflitos políticos desde então.

O partido sofreria duros reveses ao longo dos anos, como a prisão de vários de seus quadros em decorrência da Operação Lava Jato, o *impeachment* de Dilma Rousseff, a prisão de Lula e, talvez o mais duro deles, a derrota para Jair Bolsonaro em 2018. Buscando explicar a razão para tal fracasso, muitos analistas enfatizaram os fatores anômalos que compuseram aquele quadro eleitoral, como a propagação de notícias falsas por parte da campanha adversária, o atentado sofrido por Bolsonaro às vésperas do primeiro turno,

entre outros<sup>1</sup>. Todos esses elementos tiveram sua parcela de influência, mas eles não podem encobrir o fato de que o antipetismo vinha crescendo gradativamente ao longo dos anos, como já foi mostrado anteriormente (SAMUELS; ZUCCO, 2018).

O antipetismo foi crucial para o excelente desempenho de outros candidatos ultraconservadores nos pleitos mais recentes e por pouco não ocasionou a reeleição de Bolsonaro, não obstante sua atuação catastrófica durante a pandemia de covid-19, sua participação em atos golpistas e a corrupção desenfreada que tomou corpo em seu governo. A estreita vitória de Lula, por margem inferior a 2% sobre o adversário, mostra que existe um nítido desgaste do partido perante uma parcela significativa da população brasileira. E o crescimento de setores da direita e da extrema direita na composição atual do Congresso Nacional, “o mais conservador da Nova República”<sup>2</sup>, atesta que ele não se restringe ao âmbito do Executivo. Considerando que o antipetismo está intimamente vinculado ao antiesquerdismo, como mostram alguns pesquisadores (MORETO, 2020; SANTOS JUNIOR, 2019), é imprescindível tratar esse quadro como uma crise das forças de esquerda.

O que se costuma denominar como esquerda é, na verdade, um agrupamento composto de tendências políticas distintas, que possuem características, perspectivas e estratégias consideravelmente distintas entre si. Na interpretação proposta, três sobressaem como as mais influentes, sendo denominadas como esquerda marxista, esquerda identitária e esquerda “pobrista”. Cada uma dessas tendências está associada a dilemas para os quais não se tem conseguido apresentar respostas adequadas, e elas são aqui referenciadas como saudosismo, sectarismo e conformismo. A hesitação das esquerdas diante desses dilemas resulta em uma grave desorientação política que pode ser desdobrada em três aspectos: a desconexão da realidade, a perda do senso de comunidade e o distanciamento do desígnio.

---

<sup>1</sup> Marcos Nobre (2020) considera que Bolsonaro venceu a eleição porque conseguiu canalizar para a sua candidatura as devastações social e institucional que se sobrepuseram desde as manifestações de 2013. Já Maurício Moura (2019) argumenta que a disputa política se bifurcou entre uma alternativa lulista e uma lavajatista, tendo sido a Lava Jato a principal responsável pela eleição de Bolsonaro, interpretação parecida com a adotada por Izabel Saenger Nuñez (2020), que também vê grande influência da incorporação, por Bolsonaro, do discurso lavajatista. Patrícia Campos Mello (2020) enfatiza a propagação de mensagens via *Whatsapp* atacando o candidato Fernando Haddad e o PT, que foi ilegalmente financiada por empresários apoiadores de Bolsonaro. A questão das notícias falsas também é alvo da reflexão de Eric Veiga Andriolo (2020), que vê nelas uma forma de contestação às autoridades estabelecidas como certificadoras das informações. Marina Basso Lacerda (2019) explora a emergência de um neoconservadorismo a partir do combate às pautas dos movimentos feministas e LGBTs, associado ao avanço do neoliberalismo, temas que são também enfatizados por Rosana Pinheiro-Machado (2019).

<sup>2</sup> Ver mais: <https://pleno.news/brasil/eleicoes-2022/eleicao-2022-trouxe-o-congresso-mais-conservador-da-historia.html>

Argumenta-se que a crise da esquerda reside fundamentalmente nessa tripla desconexão, que é hoje o maior obstáculo para que se consiga propor uma verdadeira alternativa ao atual modelo societário. Esse artigo pretende enfrentar esse desafio progredindo em três etapas. Na primeira, recorre-se a três episódios recentes, que ilustram bem as três tendências de esquerda mencionadas. Em seguida, discutem-se as consequências políticas daqueles dilemas, ligando-os à consequente debilidade programática que hoje caracteriza esse campo político. Por fim, ensaia-se um conjunto de preceitos que podem servir de ponto de partida para a missão de refundar um projeto transformador da sociedade.

## **OS TRÊS GRANDES DILEMAS DA ESQUERDA**

A identificação das razões que levaram à crise das organizações de esquerda não é tarefa simples, mas é de extrema importância para que elas consigam superar a estagnação em que se encontram e retomem a construção de uma alternativa programática com vistas à transformação da sociedade. Nos últimos anos, vários intelectuais vêm se debruçando sobre o tema e tentando traçar rotas de saída desse labirinto político.

Luis Felipe Miguel (2019), por exemplo, aponta que no Brasil nunca se construiu algo parecido com a social-democracia europeia, em grande medida devido à baixa tolerância dos grupos dirigentes brasileiros à igualdade. Diferente do que ocorreu em outros países, a transição da ditadura para a democracia foi feita de forma negociada, com os militares preservando sua capacidade de intervenção política e tendo força suficiente para defender seus interesses corporativos. Já o PT, fundado no compromisso com os movimentos sociais e trabalhadores, foi progressivamente adotando o pragmatismo e uma busca pouco criteriosa por alianças com forças políticas tradicionais. Dessa forma, embora nunca tenha sido exatamente um partido antissistêmico, ele acabou se convertendo inteiramente em partido da ordem, deixando atrás de si uma lacuna que ainda não foi preenchida.

Uma vez no poder, o PT se empenhou em desmobilizar os sindicatos e movimentos sociais, cooptando suas lideranças, freando suas agendas e sufocando suas demandas. Para garantir o mínimo, o partido cedeu demais, não enfrentou nenhuma questão estrutural nem desafiou seriamente privilégios longamente estabelecidos. Nesse quadro e contando com a colaboração dos grandes meios de comunicação, a direita encontrou espaço para se radicalizar e pressionar a presidente Dilma Rousseff, o que

potencializou os erros de sua gestão econômica. Miguel sugere que a esquerda precisa repensar a sua aposta exclusiva na via eleitoral e revalorizar a mobilização popular, inclusive por meio extrainstitucionais.

José Maurício Domingues (2021), por sua vez, aponta alguns fatores conjunturais relevantes e que têm desdobramentos de longo prazo. Primeiramente, o crescente protagonismo do Poder Judiciário, que veio a preencher uma lacuna deixada pelo sistema político desde que este colapsou em 2013; o projeto de desenvolvimento do país, apoiado num selecionado de empresas “campeãs nacionais”, que se mostrou um fracasso; a relação entre as várias identidades individuais – religiosas, morais, étnicas, sexuais etc. – que vêm entrando em choque umas com as outras.

Domingues defende que é preciso retomar as contribuições que as três mais relevantes correntes de esquerda – a social-democrata, a socialista revolucionária e a anarquista – de forma a reconstruir uma estratégia de longo prazo. Ele argumenta que é necessária uma democratização dos partidos políticos, pois sem eles não é possível operar no sistema político estatal. Também são necessários programas inovadores relacionados à mudança climática, às mudanças radicais no capitalismo e no trabalho e ao bem-estar social, para além das políticas públicas convencionais, envolvendo novamente trabalhadores e plebeus em geral, jovens e mulheres.

Embora concordando com algumas premissas de que partem esses autores – notadamente a capitulação do PT e a refundação de um projeto moderno embasado na democratização partidária e na incorporação de demandas contemporâneas –, optou-se por não seguir à risca tais análises. A classificação apresentada faz a distinção de três correntes de esquerda – que não coincidem exatamente com a classificação de Domingues –, relacionando a cada uma delas um dilema a ser enfrentado. Considerou-se que esse esquema favoreceria o enfoque das questões levantadas e o endereçamento de sugestões específicas para cada uma delas.

## **A ESQUERDA MARXISTA**

Em vídeo intitulado *Crise e falência da “Nova Esquerda”?*<sup>3</sup>, o professor e militante comunista Jones Manoel inicia sua exposição fazendo uma crítica aos discursos que exigem da esquerda uma revisão de sua história. Em seguida faz uma análise da emergência de uma esquerda de perfil pós-estruturalista e pós-moderno, apontando suas origens históricas e

---

<sup>3</sup> Vídeo completo de Jones Manoel: <https://www.youtube.com/watch?v=PJgES52XJrcemergente>

teóricas, avaliando negativamente as experiências políticas inspiradas por ela, bem como as suas teses a respeito da transformação social. Por fim, argumenta que, apesar da derrota sofrida pelo movimento comunista no último século, suas conquistas foram significativas. Por essa razão, ele defende como imprescindível a construção de um “leninismo do século XXI”, atualizado e adequado às condições concretas da contemporaneidade. Embora esse vídeo não esteja entre os mais assistidos do canal, já acumula mais de 22 mil visualizações, o que não é um número desprezível.

Jones Manoel ganhou destaque como *youtuber*, abordando temas políticos, culturais e filosóficos sob uma perspectiva marxista. Sua notoriedade ultrapassou o público convencional da plataforma quando foi mencionado por Caetano Veloso durante uma conversa com o jornalista Pedro Bial, da Rede Globo. O célebre artista baiano atribuiu ao influenciador a mudança em sua postura política, afirmando: "Esse rapaz que, há dois anos, disse 'eu sou liberal, não admito nada de país socialista', não sou mais aquele rapaz (...) por causa do contato com esse pensador, Domenico Losurdo, através de Jones Manoel, que é um rapaz negro, pernambucano, jovem e muito inteligente". Essa notoriedade levou Jones a se tornar o candidato do Partido Comunista Brasileiro (PCB) para a disputa ao governo de Pernambuco nas eleições de 2022. No entanto, o sucesso alcançado nas redes sociais não se refletiu nas urnas, já que ele não obteve nem mesmo um por cento dos votos em seu estado. Qual poderia ser o motivo? O vídeo mencionado oferece indícios de uma possível resposta.

Jones propõe o resgate do leninismo porque, segundo ele, este seria o mais poderoso instrumento teórico já utilizado pelo movimento operário na luta pela emancipação humana. Mas se é verdade que os ensinamentos de Lenin inspiraram a organização de lutas importantes, é preciso reconhecer que eles também foram instrumentalizados durante o regime stalinista para impor um governo autoritário e burocratizado, que perseguiu e matou dissidentes políticos. Sabe-se que o líder bolchevique já havia mostrado preocupação com a ascensão de Stalin e tentou alertar as lideranças do partido pouco antes de sua morte por meio do documento que ficaria conhecido como "o testamento de Lenin". Mas a degeneração do marxismo-leninismo, mesmo grave, não é a razão fundamental para que ele seja rejeitado como a arma política prioritária da classe trabalhadora.

Ocorre que o mundo que Lenin conheceu era muito diferente daquele que emergiu após a sua morte. Ele não viu a ascensão e a queda do nazismo, o perigo de uma guerra

nuclear, as conquistas da social-democracia, o stalinismo e o fim da União Soviética, as transformações no mundo do trabalho e da produção e a revolução tecnológica e informacional. Da mesma forma, quando Marx teorizou sobre a luta de classes, o proletariado e o modo de produção capitalista, a sociedade se assemelhava muito pouco à atual. Assim, se há uma forma de ser fiel a Lenin, que considerava a análise da situação concreta a alma viva do marxismo, é fazendo uma apreciação rigorosa de sua adequação à realidade contemporânea.

Não foram poucas as tentativas de compreender o que deu errado no projeto socialista. Ralph Miliband (1992) enfatizou que a excessiva importância atribuída por Lenin ao partido culminou na formação de uma vanguarda autoritária que, para o autor, foi a principal causa da crise dos regimes comunistas. As democracias capitalistas, por outro lado, acabaram se mostrando mais democráticas e menos opressivas que aqueles, mesmo considerando suas inúmeras imperfeições e limites aos anseios da classe trabalhadora. Para o autor, não se deveria rejeitar os princípios liberais tradicionais de governo, mas radicalizá-los para além do que permite a democracia burguesa. Já Alec Nove (1989), em crítica ao marxismo ortodoxo, argumenta que o excesso de centralização e a rejeição de institutos importantes da economia de mercado levou a economia soviética ao colapso. Ele aponta que Marx e conseqüentemente os marxistas negligenciaram o fato empírico da escassez, acreditando ingenuamente que a abundância seria ilimitada em uma sociedade sem classes.

Em outra crítica contundente ao legado de Marx, Cornelius Castoriadis (1982) argumenta que o marxismo não é mais adequado para se compreender a história e a sociedade, pois teria perdido sua vitalidade como teoria e se transformado também em ideologia. O autor aponta equívocos considerados insanáveis na obra de Marx, como sua visão da história como uma progressão racional de etapas em direção a um destino pré-determinado, bem como sua compreensão determinista da relação entre as classes e os indivíduos. Na mesma linha, Aldo Fornazieri (2017) aponta que a premissa de Marx sobre a inevitabilidade da revolução e do proletariado como seu agente histórico inescapável revelou-se equivocada. Ressalta também que a crença nessa ideia gerou problemas para a ação política do marxismo militante, que foi deficitário na construção de uma estratégia de radicalização da democracia, na luta por direitos e na adoção de condutas republicanas.

Não é recomendável que se ignorem as contribuições intelectuais que Marx deu ao pensamento crítico bem como o legado de Lenin enquanto liderança política. Trata-se de constatar que nem a melhor teoria e prática revolucionária resistem ao tempo e às transformações da sociedade. Apegar-se a teses equivocadas ou que já não fazem sentido

na atualidade, além de ofender a sua memória, dificulta a construção de alternativas viáveis à organização atual do capitalismo. Ser fiel a Marx e a Lenin não significa buscar neles a resposta para cada um de nossos desafios, mas repetir o ímpeto original de pensar o mundo para transformá-lo segundo as vias disponíveis. Superar o dilema do *saudosismo* e abraçar novos ensinamentos e possibilidades se mostram o maior desafio da esquerda marxista desde o fim da experiência soviética.

## A ESQUERDA IDENTITÁRIA

O site da *Folha de São Paulo* tem sido palco de algumas das polêmicas mais recentes do debate público nacional. Em uma delas, a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz utilizou seu espaço no jornal para analisar o álbum conceitual de Beyoncé *Black is King*. No texto, embora reconheça o mérito da obra, ela lamenta que “a cantora recorra a imagens tão estereotipadas e crie uma África caricata e perdida no tempo das savanas isoladas”<sup>4</sup>. A reação do público foi dura. Nas redes sociais, a cantora Iza criticou a colunista: “Eu preciso entender que privilégio é esse que te faz pensar que você tem alguma autoridade para ensinar uma mulher negra como ela deve falar ou não sobre seu povo”<sup>5</sup>. Os ataques levaram a colunista a escrever um novo artigo se desculpando com os movimentos negros e assumindo o erro pela opinião equivocada.

Em outro episódio, o também antropólogo Antônio Risério se viu envolvido em polêmica similar. O caso teve início com um texto em que o jornalista e articulista de direita Leandro Narloch se vale do livro de Risério *As sinhas pretas da Bahia: suas escravas, suas joias* para amenizar a responsabilidade dos portugueses pela escravidão e enaltecer o capitalismo. Ele argumentou que as mulheres negras que se libertaram da escravidão e acumularam riquezas serviriam de exemplo aos militantes da causa racial, que teriam “a oportunidade de enxergar o passado com mais maturidade e conciliação”<sup>6</sup>. O episódio rendeu uma enxurrada de críticas à *Folha* e ao autor do livro, acusados ambos de compactuarem com racistas. Ao contrário de Schwarcz, Risério foi às páginas do jornal rebater as denúncias,

---

<sup>4</sup> Artigo de Lilia Schwarcz: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/filme-de-beyonce-erra-ao-glamorizar-negritude-com-estampa-de-oncinha.shtml>

<sup>5</sup> Matéria sobre a polêmica envolvendo o artigo: <https://gq.globo.com/Noticias/noticia/2020/08/lilia-schwarcz-pede-desculpas-por-artigo-sobre-beyonce.html>

<sup>6</sup> Artigo de Leandro Narloch: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2021/09/luxo-e-riqueza-das-sinhas-pretas-precisam-inspirar-o-movimento-negro.shtml>

fazendo-o de forma categórica e até agressiva<sup>7</sup>. A resposta enfureceu ainda mais os críticos, que subiram o tom dos ataques e passaram a denunciá-lo como um divulgador da infame tese do “racismo reverso”<sup>8</sup>.

Há alguns aspectos comuns entre esses episódios e tantos outros que se testemunharam recentemente, relacionados especialmente às questões racial, étnica, de gênero e de sexualidade. Um deles é que a reação mais imediata de parte considerável do público é o recurso ao conflito e não ao diálogo. Isso porque o autor do ato tido como discriminatório é encarado como um preconceituoso incorrigível e incapaz de reconhecer sua condição privilegiada. Não restaria outra saída, portanto, se não a denúncia do opressor e sua execração pública, prática que vem sendo denominada de “cultura do cancelamento” (NG 2020). [Clique ou toque aqui para inserir o texto.](#)

Outro traço comum é a ideia de que a autoridade do discurso em um debate não caberia àquele sujeito cuja dedicação intelectual tenha sido voltado à causa em questão, e sim ao que compartilha das características genéticas ou fenotípicas de uma certa identidade. Ou seja, o indivíduo não vale pelo que conhece ou é capaz de conhecer, mas pelo que é involuntariamente – homem ou mulher, negro ou branco, hétero ou homossexual etc. A filósofa Djamilia Ribeiro (2019) defende que a referência ao “lugar de fala” não visa silenciar quem quer que seja, mas romper com a autorização discursiva pré-estabelecida, além de chamar a atenção dos indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado para as hierarquias produzidas a partir desse lugar (RIBEIRO, 2019). O caso é que esse conceito vem sendo invocado para desqualificar determinadas opiniões em função das particularidades dos interlocutores. Note-se, por exemplo, que Schwarcz e Risério, embora sejam intelectuais reconhecidos, são ambos brancos.

A emergência dessa “política identitária” é um fenômeno observado com preocupação por importantes pensadores da cultura e da democracia, uma vez que ela pode produzir ressentimentos, que são alimentados e instrumentalizados por líderes autoritários (CASTELLS, 2018; FUKUYAMA, 2020). As vitórias de Donald Trump e de Jair Bolsonaro são exemplos claros disso. Os dois lançaram mão de um discurso voltado para a cooptação de uma parcela moralmente conservadora da sociedade, de maneira a convencê-la de que os grupos que se apresentam como marginalizados na verdade compõem uma elite cultural favorecida com regalias – no caso brasileiro, as cotas universitárias, a Lei

---

<sup>7</sup> Artigo de Antônio Risério: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/01/racismo-de-negros-contrabranco-ganha-forca-com-identitarismo.shtml>

<sup>8</sup> Crítica a Antônio Risério: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/01/racismo-reverso-de-riserio-busca-deslegitimar-luta-por-igualdade-racial.shtml>

Rouanet, o Bolsa Família etc. – enquanto os trabalhadores de bem são humilhados e sistematicamente espoliados. A consolidação dessas identidades fez com que a política, ao longo dos últimos anos, se convertesse no que pesquisadores do tema denominam de “guerra cultural” (HICKS, 2021; PLUCKROSE; LINDSAY, 2021).

Não se trata aqui de negar as várias formas de discriminação que atravessam a sociedade ou de minimizar seu efeito devastador sobre grupos historicamente marginalizados nem de ignorar que as características particulares dos sujeitos têm influência sobre sua forma de pensar e de agir, mas de constatar o fato de que tal postura, em vez de conscientizar os indivíduos, afasta-os ainda mais. E estes, não raramente, tornam-se alvos fáceis das investidas de uma extrema direita ávida por arregimentar as vítimas do “politicamente correto” e do patrulhamento ostensivo dos progressistas sobre as condutas individuais.

O surgimento das plataformas de mídia social fez com que a guerra cultural alcançasse um novo patamar, uma vez que os algoritmos implementados para produzir mais engajamento fragmentam os públicos, encerrando-os em câmaras de ecos que aproximam os iguais ao mesmo tempo em que afastam os diferentes. Dentro desses espaços, em que se compartilham medos e preconceitos, são forjadas as bases emocionais do segundo dilema que a esquerda precisa enfrentar: o *sectarismo*. Esse é um problema que a esquerda, de maneira geral, sempre enfrentou em sua história, mas que atualmente vem sendo agravado por uma sociedade cada vez mais fragmentada, polarizada e radicalizada.

## **A ESQUERDA “POBRISTA”**

Em julho de 2016, em meio ao afastamento de Dilma Rousseff e à presidência interina de Michel Temer, Lula voltava ao centro da cena política no que parecia ser um ensaio para as eleições de 2018. Em clima de pré-campanha, o ex-presidente visitou a cidade de Juazeiro, na Bahia e participou do *Bahia Mais Forte*, evento de lançamento de uma série de medidas voltadas para o desenvolvimento rural do semiárido. Lula discursou diante de lideranças políticas e da população local, contou histórias passadas, defendeu as conquistas do seu governo, criticou a gestão de Temer e, com impressionante capacidade de sintetizar ideias, disse uma frase que resume com clareza sua agenda para o Brasil: “Eu

dizia: se você quer acabar com a fome do seu país, não tem outro jeito: você precisa incluir o pobre no orçamento”.<sup>9</sup>

O tema da fome é sensível a Lula que, muito antes de entrar para a vida política, experimentou a miséria na própria carne e viveu ele mesmo a tragédia a que estão submetidos milhões de brasileiros. Católico, ele sabe que sua trajetória épica, de retirante a presidente da República, é praticamente um milagre, de forma que o desejo de ver seus compatriotas fazerem três refeições ao dia soa bastante sincera. Mas a honestidade caridosa do líder petista aponta, ao mesmo tempo, para sua visão limitada sobre o futuro. Segundo uma perspectiva de esquerda, a redução da pobreza é um passo absolutamente necessário mas muito tímido para quem anseia por transformações mais profundas e duradouras.

Observando a trajetória do PT, constata-se que essa fala de Lula não é mera estratégia retórica, mas a síntese daquilo que André Singer (2012) chamou de “lulismo”. Em sua análise sobre a história do partido, o intelectual identifica que houve um realinhamento de suas bases sociais, passando de um eleitorado formado principalmente por camadas médias a um eleitorado composto majoritariamente por setores de baixíssima renda. Ele atribui essa mutação às iniciativas voltadas à melhora das condições de vida dos mais pobres, como o *Programa Bolsa Família*, o aumento real do salário-mínimo, a expansão do crédito popular, além de programas centrados em grupos específicos, como o *Benefício de Prestação Continuada*, ou em regiões do país, como o *Luz Para Todos*<sup>10</sup>. A consequência desse conjunto de ações foi a redução da miséria e do desemprego e o crescimento da economia.

Se a maior inclusão social foi uma conquista indiscutivelmente benéfica para o país, a contrapartida foi a decisão do partido de renunciar a aspectos do programa que adotou até o ano anterior à vitória de Lula. O PT foi gradativamente se transformando em um partido dos pobres, muito mais do que um partido de esquerda, como explica Singer: “O lulismo, ao executar o programa de combate à pobreza dentro da ordem, confeccionou via ideológica própria, com a união de bandeiras que não parecia combinar” (SINGER, 2012, p.74).

Recentemente, o cientista político Renato Janine Ribeiro, que foi ministro da Educação de Dilma, concedeu uma entrevista desanimadora acerca da crise das esquerdas, que parece expressar bem a posição atual do partido. Diz ele que os governos petistas deram certo porque renunciaram à utopia e fizeram a opção pela realidade. E, sendo essa

<sup>9</sup> Registro do discurso de Lula no evento: <https://institutolula.org/em-juazeiro-lula-participa-de-ato-pelo-desenvolvimento-do-semiarido>

<sup>10</sup> O BPC é um benefício de Seguridade Social voltado aos idosos e às pessoas com deficiência. O *Luz Para Todos* foi um programa criado para estender o serviço de energia elétrica a áreas rurais do país.

realidade o capitalismo, o máximo que se poderia fazer para atenuar os seus efeitos seria a ampliação dos programas sociais. Quando então perguntado se a inclusão social seria o limite estratégico da esquerda, ele retruca de maneira desiludida: “Mas você acha que existe outra possibilidade?” (FORNAZIERI, 2017, p.56).

Assim, o percurso trilhado pelo PT leva à maior encruzilhada da atualidade, não apenas por ele hegemonizar o campo da esquerda brasileira, mas porque ele é responsável por bloquear as forças transformadoras da sociedade e submetê-las ao *conformismo*. Esse é o terceiro dilema a ser enfrentado pela esquerda, que deve ter a coragem de enfrentá-lo com altivez ou, do contrário, não terá nenhuma razão para se reivindicar como alternativa.

## DESORIENTAÇÃO POLÍTICA E LACUNA PROGRAMÁTICA

### Saudosismo

Das três vertentes de esquerda aqui apresentadas a marxista é a mais longeva, embora seja, na atualidade, minoritária. A rigor, o legado de Marx permeia todo o campo progressista que, não raramente, se perde em estéreis discussões sobre a interpretação mais correta de seu pensamento. Ainda assim, a organização política que melhor a representa o marxismo é o PCB, o “partidão”, ao qual se vincularam algumas das personalidades mais relevantes da vida nacional brasileira, como Luiz Carlos Prestes, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, João Saldanha, entre tantos outros.

Fundado em 1922, o PCB passou a maior parte de sua história atuando na clandestinidade, tendo sido perseguido no Estado Novo e na ditadura civil-militar. Defensor da revolução brasileira, ele chegou a ser a organização de esquerda mais importante do país. No começo dos anos 1990, após o fim da URSS e a redemocratização no Brasil, uma parte dos dirigentes tentou alterar os rumos do partido, extinguindo o caráter marxista-leninista e abandonando o programa revolucionário. Depois de uma intensa disputa interna, o PCB foi refundado pela parcela de membros que permanecia fiel às antigas teses. Apesar de sua longa e louvável história, o PCB não conta mais com o prestígio que teve no passado e vem encontrando muita dificuldade para se viabilizar eleitoralmente e ser influente nos rumos da política nacional. Isso se dá principalmente por um forte apego ao passado, ao seu próprio, e sobretudo ao de um mundo em transformação constante. Esse profundo saudosismo se expressa na incapacidade de lidar

com a perda, de atravessar o luto e seguir em frente. É o que o impede de colocar a sua grandeza a serviço de um projeto factível de transformação profunda da sociedade.

A aposta na revolução, aos moldes pensados por Marx ou executados por Lenin, não parece sensata, considerando que a via social-democrata mostrou um itinerário muito menos custoso para se chegar a uma sociedade que garanta a todos padrões mínimos de dignidade. Quantos trabalhadores estariam hoje dispostos a abdicar do que já conquistaram em favor de uma reviravolta de consequências incertas? É claro que alguns direitos e garantias formais parecem muito pequenos à luz da emancipação da humanidade, mas eles são o que de mais concreto se conseguiu alcançar por vias mais seguras. Além disso, a revolução não é a forma mais comum de transformação da sociedade, é a exceção. Assim, ao optar por esse caminho improvável, a esquerda marxista acaba perdendo a conexão com a realidade.

O senso de realidade é aquilo que nos faz aceitar, gostando ou não, que o capitalismo é um componente incontornável de qualquer projeto de sociedade viável hoje em dia e que o Estado é o único instrumento capaz de conformá-lo aos interesses da maioria dos trabalhadores. O capitalismo já sofreu mutações ao longo da história – já foi comercial, industrial e atualmente é financeiro; então por que razão ele não poderia ser moldado segundo diretrizes mais democráticas e populares? Essa não seria uma maneira dissimulada de aceitar as coisas como são. Pelo contrário, é uma estratégia pragmática, que visa partir da realidade tal qual ela se apresenta para transformá-la segundo as possibilidades presentes e as pretensões futuras.

## **Sectarismo**

Fundado por dissidentes do PT insatisfeitos com os rumos que o partido adotou ainda durante o primeiro governo Lula, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) vem tentando conciliar uma perspectiva socialista com a firme defesa das minorias. Dentre as agremiações de esquerda atuais, o PSOL é aquela que tem maior proximidade com movimentos sociais engajados nas “lutas por reconhecimento”, as quais visam enfatizar alguma especificidade de um determinado grupo social. Simultaneamente, ele procura atuar nas “lutas por redistribuição”, que segue na direção contrária, ou seja, abolindo arranjos que embasam a especificidade do grupo (FRASER, 2006).

A incorporação desses temas faz com que o PSOL se posicione como uma esquerda moderna, mas isso também gera problemas para a organização, visto que um dos

traços da modernidade é a fragmentação. Assim, enquanto ele é efetivo em representar demandas de setores específicos da sociedade – mulheres, negros, LGBT's, indígenas etc. –, apresentando candidaturas fortes para o Legislativo, tem encontrado dificuldades para unificar essas pautas em torno de uma proposta coesa e abrangente, fator imprescindível para a disputa do Executivo. Além disso, ao incorporar os discursos focados em identidades de grupos, o partido acaba sendo pressionado a confrontar àqueles que seriam os responsáveis pela opressão de seus aliados – homens, brancos, heterossexuais e daí por diante –, o que provoca um afastamento de uma parte desses setores.

A hesitação em dar esse salto, que implicaria fazer concessões principalmente em termos de aliança política, é um fator que vem incomodando uma parcela de seus integrantes. Em discussão relativamente recente, a intelectual Tatiana Roque lamentou que a candidatura de Marcelo Freixo tenha sido frustrada pela resistência do partido em fazer as concessões necessárias à ampliação de seu arco de alianças<sup>11</sup>. Ela, que era militante do PSOL à época, deixou o partido ingressou, junto com Freixo, no Partido Socialista Brasileiro (PSB), outra agremiação que se apresenta como postulante ao lugar que hoje é ocupado pelo PT na esquerda brasileira. Em entrevista a *El País*, Roque foi perguntada se a esquerda deveria abordar as pautas identitárias, mesmo elas não tendo apelo junto aos setores populares, e respondeu de maneira precisa:

Não é que as ditas questões identitárias não tenham apelo popular. Acho que o modo como muitas vezes a luta é travada chega à população de um jeito distorcido. É menos a pauta dita identitária que o modo lacrativo de se fazer política. Essa cultura da lacração está atrapalhando não só as pautas identitárias, está atrapalhando geral. Se a gente tiver propostas concretas de políticas públicas voltadas para as mulheres, por exemplo, acho que teria receptividade na população mais pobre e na despolitizada. O problema é como abordar isso. Elas precisam ser abordadas dentro de um trabalho político mais amplo, que não seja só essa disputa de marcação de posição<sup>12</sup>.

O que está em jogo não é a legitimidade das reivindicações de grupos sociais por uma maior equidade, mas a forma como elas são articuladas. O espírito sectário que move a rotina de cancelamentos e destruição de reputações, que domina as mídias sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, não contribui para a promoção do diálogo e da busca pelo aperfeiçoamento individual e coletivo. O efeito é o oposto, de gerar repulsa naqueles que

---

<sup>11</sup> Debate completo com Tatiana Roque: <https://www.youtube.com/watch?v=VzStXUpfjY&t>

<sup>12</sup>Entrevista com Tatiana Roque:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/politica/1553037448\\_213932.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/politica/1553037448_213932.html)

estariam abertos a rever suas posturas, mas se sentem ultrajados pela distribuição de rótulos como “racista”, “machista”, “homofóbico”, “fascista” etc.

Não se está aqui a defender, como muitas vezes se acusa, o diálogo com o opressor. O que se enfatiza é que preciso diferenciar aqueles que de fato merecem ser enquadrados como tal porque aderem conscientemente a ideias e atitudes preconceituosas daqueles que as reproduzem sem se darem conta de seu impacto. Não fazer essa distinção, submetendo todo um grupo social a uma mesma etiqueta, leva a esquerda progressista à perda do senso de comunidade.

O senso de comunidade é a noção de que, a despeito das incontáveis diferenças, todos os sujeitos compartilham de um mesmo atributo, que é o pertencimento ao gênero humano. Esse é um valor que a esquerda sempre prezou, defendendo que as desigualdades socioeconômicas são perversas na medida em que obstam a expressão dessa humanidade. De sorte que, para ela, igualdade é fim, mas também é meio pelo qual possibilitamos que todos tenham oportunidade de atingir suas potencialidades. Esse senso de comunidade, aliás, tem estreita relação com o valor liberal da fraternidade, que os socialistas nunca negaram. O que fizeram foi apontar que ele jamais seria realizado em sua plenitude na sociedade burguesa, dado que esta estaria comprometida pela submissão aos interesses de uma classe em particular.

## **Conformismo**

O PT surgiu em um momento decisivo da história brasileira, em que se lutava pela redemocratização do país após quase duas décadas de um regime ilegítimo e autoritário. Ele foi fundado a partir da união de três setores ativos no embate contra a ditadura: o Novo Sindicalismo, as Comunidades Eclesiais de Base e os militantes que retornaram do exílio e os que foram anistiados da luta armada. Essa aliança, formada por grupos tão distintos entre si mas guiados pelo objetivo comum de oferecer à sociedade uma alternativa socialista democrática, foi o que fez do PT a experiência política mais bem sucedida da esquerda latino-americana na segunda metade do século XX.

Segundo Mauro Iasi (2012), três questões conjunturais influenciaram a mudança de rumo do partido logo no início dos anos 1990. O primeiro foi a derrota para Fernando Collor, que levou à reflexão sobre os limites eleitorais impostos pela radicalidade programática proposta e a política de alianças restrita ao campo popular composto por assalariados e classes médias. O segundo foi a crise soviética e o desmonte do bloco

socialista. E, por fim, o recuo dos movimentos sindicais e populares, que se viram diante de um momento desfavorável para a renovação das lideranças e do dilema de travar lutas contra governos municipais que ajudaram a eleger.

Mas o ato que melhor simboliza a capitulação à qual o PT se entregaria nos anos posteriores foi a publicação da *Carta aos Brasileiros*, que os críticos à esquerda apelidaram de “carta aos banqueiros”. Com esse documento, publicado às vésperas da disputa presidencial de 2002, Lula visava acalmar as elites econômicas, garantindo que, se vencesse a eleição, não faria nenhuma manobra radical ou irresponsável. Ele se comprometia pela primeira vez com princípios que fariam parte dos seus governos, como o combate à inflação, o equilíbrio fiscal e o superávit primário. O texto se encerra com um chamado à união de todos que desejavam o bem do Brasil em torno de um programa de mudanças corajosas e responsáveis. Lula venceu, e as mudanças foram feitas. Elas foram bastante responsáveis, de fato, mas não tão corajosas quanto se esperava.

Lula esteve à frente do país por dois mandatos, Dilma teve um mandato completo e outro interrompido pelo *impeachment*. Somados, o PT teve em torno de treze anos para fazer as reformas que defendeu e que dele se esperava. Importantes conquistas foram alcançadas, isso é inegável, mas elas nunca chegaram a atacar as bases que sustentam as imensas desigualdades ainda presentes na sociedade brasileira. O *Programa Bolsa Família* tirou milhões de pessoas da extrema pobreza mas não deu a eles condições suficientes para que o fantasma da indigência deixasse de rondá-los permanentemente. O *Programa Fome Zero* tirou o Brasil do *Mapa da Fome*, mas seu reaparecimento no indicador, menos de uma década depois, denuncia a fragilidade dessa política.

Da mesma forma, as cotas implementadas nas universidades promoveram uma certa inclusão de grupos historicamente desfavorecidos, mas a maior parte da população continuou submetida a uma educação básica precária. Saúde, moradia e segurança pública seguem sendo problemas gravíssimos e para os quais não se consegue dar respostas satisfatórias. A desindustrialização cresceu ao longo desse período, e a estrutura tributária do país continua favorecendo os ricos e penalizando os pobres e as classes médias. A grande maioria dos brasileiros continua submetido à subcidadania e a uma vida de humilhações e sacrifícios diários.

Os governos petistas falharam na maioria dessas tarefas, e o não reconhecimento disso resulta no distanciamento do desígnio, da vontade consciente de realizar algo importante. No caso de uma organização de esquerda, sua razão de existir é a

transformação radical da sociedade e a melhora efetiva da vida das pessoas, primordialmente da classe trabalhadora. Com isso, não se quer dizer que mudanças são simples de serem feitas, mas que uma instituição que se reivindique progressista precisa empreender todos os esforços possíveis nesse sentido, sem se omitir. O PT ainda é o partido hegemônico da esquerda brasileira, e Lula, a sua maior liderança política, sem um substituto despontando no horizonte. Com a história que ambos construíram, não lhes é permitido abdicar da missão a eles confiada.

## **EM BUSCA DE UM PROJETO PARA O BRASIL**

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos resumiu com muita precisão a situação em que a esquerda se encontra atualmente, no Brasil e no mundo: “Por que estamos num período de lutas defensivas? Porque nós sabemos o que não queremos, mas não sabemos o que queremos”<sup>13</sup>. Esse problema se expressa sob o signo da “resistência”, uma ênfase exacerbada que se dá à urgência de se defender dos avanços de um capitalismo predatório em vez de organizar-se para transformá-lo. Assim, o que amarra os três dilemas apresentados – o saudosismo, o sectarismo e o conformismo – é uma intensa desorientação política e a conseqüente lacuna programática.

Nós nos vemos diante do que Unger (2008) chamou de “ditadura da falta de alternativas”. Na ausência de um caminho claro a seguir, os progressistas adotam o mesmo programa dos conservadores e, como contrapartida, introduzem uma série de medidas voltadas a garantir uma mínima redistribuição compensatória, mas sem mexer na estrutura que sustenta as desigualdades. No sentido oposto, o pensador defende que é preciso se insurgir contra essa sujeição e apostar na rebeldia, concentrando os esforços na redefinição do mundo da produção e da política. Para o sucesso da empreitada, seria necessário agir em duas frentes, fazendo um apelo realista aos interesses nacionais e de classe já conhecidos – a demanda por independência e prosperidade material, e ao desejo de soberania nacional – e um apelo visionário ao anseio subjetivo de transcender as determinações sociais e fazer-se autor do próprio destino. Um programa político de esquerda precisa comportar essas duas dimensões, a realidade de um lado e a imaginação do outro.

Essa combinação é o que Mark Lilla (2018) considera ter sido realizada nos EUA, em dois momentos do século XX: a primeira vez durante o governo democrata de Franklin Roosevelt e a segunda sob o mandato republicano de Ronald Reagan. A visão democrata,

---

<sup>13</sup> Entrevista completa com Boaventura de Sousa Santos:  
[https://www.youtube.com/watch?v=U3cc9JkeM\\_0&t](https://www.youtube.com/watch?v=U3cc9JkeM_0&t)

essencialmente política, se impôs durante os anos 1930 a 1950, se assentando sobre os valores da solidariedade coletiva, da oportunidade e do dever público. Já a visão republicana, que emergiu nas décadas de 1960 e 1970, era fundamentalmente antipolítica se apoiava nos valores da autoconfiança individual e do governo mínimo. Lilla sugere que a decadência sucessiva dessas duas ideias antagônicas pavimentou o terreno para a vitória de Trump em 2016. Democrata, ele defende a urgente retomada de uma visão política progressista que inspire a nação americana.

A esquerda brasileira está diante de desafio semelhante. Presa a um passado superado, submetida a uma visão fragmentária da sociedade e subjugada pela extraordinária resiliência do capital, ela se vê rendida à desorientação e à falta de ousadia política. Consequentemente, tem se mostrado incapaz de inspirar a confiança de parte considerável do povo e de liderar a reconstrução nacional. Mas esse não é um destino incontornável; é possível corrigir o rumo e reencontrar o caminho para um futuro mais esperançoso. Para isso é preciso é reconstruir um projeto de país que tenha como pressupostos três aspectos: a primazia da realidade, o sentimento de comunidade e a glorificação do desígnio.

A primazia da realidade significa aceitar o Brasil como ele é, uma nação moderna, plural, vigorosa, criativa, ainda que profundamente desigual, estruturalmente deficiente e extremamente violenta. É um país com problemas graves, mas com um povo batalhador e para o qual o trabalho tem valor fundamental. Em decorrência dessa inclinação, parte desses trabalhadores almeja uma vida autônoma, o que seria acessível por meio do empreendedorismo. Esse ainda é um grande impasse para a esquerda que denuncia, corretamente, que em muitos casos a precarização das relações de trabalho é disfarçada por um discurso neoliberal. Ainda assim, o desejo de ter uma maior liberdade e flexibilidade para desempenhar seu ofício é verdadeiro. Cabe aos progressistas compreendê-lo e apresentar alternativas que preservem a dignidade dos indivíduos ao mesmo tempo que converjam para o interesse da coletividade<sup>14</sup>.

O sentimento de comunidade sugere que a esquerda retome a dimensão universalizante que a caracterizou enquanto seu referencial teórico principal era a economia e a dinâmica da luta de classes. As divergências culturais, morais e religiosas eram secundárias diante da organização produtiva que redundava na crescente exploração do proletariado pela burguesia. A exploração continua existindo, mas a complexificação da

---

<sup>14</sup> Os governos petistas foram um dos grandes responsáveis pelo fortalecimento do empreendedorismo, inclusive implementando inovações institucionais como o MEI (Microempreendedor Individual), que estimulou a formalização de trabalhadores autônomos.

produção e do avanço da tecnologia a tornaram menos transparente, enquanto o tema dos valores assumiu o protagonismo (DUTRA, 2020). Nas últimas décadas emergiram no Brasil dois grupos sociais cujos valores nativistas e conservadores têm confrontado o viés cosmopolita dos progressistas: os evangélicos neopentecostais e os sertanejos. Juntos, esses grupos representam a força espiritual da direita brasileira, mas nem sempre foi assim. Ambos estiveram na base de apoio dos três primeiros governos petistas e da reeleição de Dilma, só abandonando a presidente às vésperas de seu afastamento.

A esquerda precisa se reconectar com esses grupos e, para isso, precisa afastar os preconceitos que recaem sobre eles. São agrupamentos sociais internamente muito diversos, permeados por contradições, e não se deve tentar resumi-los a uma ou outra característica mais superficialmente identificável. É de suma importância entender suas particularidades e demandas, e há iniciativas valorosas nesse sentido como os exemplos de Ricardo Mariano (2014) e Gustavo Alonso (2015). E é imprescindível aprender a lidar com as diferenças e resgatar a capacidade de se unir em torno de uma causa comum, e talvez o caso mais emblemático desse fenômeno seja o futebol. A paixão pelo esporte é tão arrebatadora que nas arquibancada não há nenhuma divergência que se sobreponha ao amor pelo clube do coração. E a seleção brasileira, mesmo em momentos muito duros da vida nacional, foi o símbolo dessa transcendência<sup>15</sup>.

E a glorificação do desígnio exprime a necessidade de a esquerda compreender a imensa responsabilidade que carrega. Atenuar a pobreza é uma conquista importante, mas esse nunca foi o seu propósito. Seu objetivo maior sempre foi extinguir as desigualdades para preparar a estrada para a emancipação da humanidade, e satisfazer-se com menos que isso é aceitar de antemão a derrota. Por isso é preciso recuperar a ousadia e se aventurar novamente em uma empreitada de elaboração programática que ilumine as alternativas e oriente a direção das mudanças.

## **UM CAMINHO POSSÍVEL**

Nesta última parte, são relacionados alguns dos elementos que deveriam compor um novo projeto transformador para a esquerda brasileira. Muitos já foram anteriormente apontados por outros pensadores e são aqui reafirmados. Eles são definidos em três

---

<sup>15</sup> O caso recente dos ataques racistas sofridos por Vinícius Junior na Espanha exemplifica perfeitamente o argumento. Hostilizado por jogadores, torcedores, jornalistas e até pelo presidente da liga espanhola, o atleta do Real Madri recebeu o apoio unânime dos brasileiros. Liberais e comunistas, conservadores e progressistas, petistas e bolsonaristas, todos se pronunciaram em defesa do compatriota.

dimensões: as atitudes, isto é, as posturas que deveriam ser adotadas, sobretudo por lideranças, militantes e cidadãos identificados com uma perspectiva de esquerda; os valores que devem nortear esse projeto; e as instituições, ou melhor, o perfil que as instituições já existentes deveriam assumir nesse novo projeto.

O que será aqui apresentado está muito aquém do horizonte de possibilidades. Pode-se pensar nessas atitudes, valores e ideias programáticas como pontos de partida para um novo projeto, que seja capaz de superar os três dilemas e retomar os três sentidos perdidos ao longo das últimas décadas. O que pode se desdobrar desse programa não está determinado: caberá ao desenvolvimento permanente da relação entre ele e a sociedade. Nesse momento de reorientação, talvez o mais importante seja traçar a direção.

## Atitudes

A primeira atitude desejável àqueles que defendem um projeto transformador para o Brasil é a *valorização da pluralidade*, que vai muito além da ideia liberal de tolerância. Nesse caso, não se limita a suportar a convivência com o outro, mas de enaltecê-la como benéfica a um projeto emancipatório. Ressalte-se, porém, que essa pluralidade precisa ser tão ampla quanto a perspectiva democrática a suporte, o que significa dizer que a esquerda deve enfrentar os seus adversários de forma contundente, mas respeitosa e honesta. Os progressistas nada têm a ganhar tratando os conservadores como tolos manipulados ou como inimigos dos oprimidos. Obviamente aqui não se está tratando de grupos realmente autoritários e antidemocráticos que incorrem em crimes; estes devem ser punidos segundo o que estabelecem as leis.

Outra atitude importante é a adoção de um nível de *ceticismo* suficiente para combater todas as formas de dogmatismo. Não é desejável que o defensor de um projeto de transformação social seja um absoluto incrédulo, mas tampouco que ele seja um crente ingênuo. Na política, diferentemente do que ocorre na ciência, as evidências empíricas ou teóricas não são suficientes para a elaboração de um projeto. Entretanto, diferente também da religião, a fé não é garantia da salvação. É preciso, portanto, encontrar um equilíbrio entre esses dois impulsos para alcançar aquela dialética que Antônio Gramsci (1920) prescreveu, em referência ao literato francês Romain Rolland, como pessimismo da inteligência e otimismo da vontade.

Uma terceira conduta adequada é a *receptividade às inovações*. Enfatizar essa atitude soa um tanto contraditório, pois se pressupõe que os progressistas conseguem lidar mais

facilmente com as mudanças promovidas pelo desenvolvimento da sociedade que os conservadores. Todavia, a esquerda tem se mostrado bastante refratária à evolução tecnológica, acusando-a equivocadamente de ser causa de adoecimento e do aumento da alienação<sup>16</sup>.

A prudência com relação à tecnologia é positiva, sobretudo devido à difusão de um certo fetichismo tecnológico, que toma as inteligências artificiais, as viagens a Marte e os algoritmos como os potenciais redentores da humanidade. Essa cautela, no entanto, não pode redundar em uma postura retrógrada contra ferramentas que, se adequadamente empregadas, podem otimizar recursos e auxiliar os indivíduos no desempenho de tarefas que em nada lhes engrandece. A esquerda deve assumir a dianteira do processo de inovação e garantir que ela sirva aos interesses da coletividade, o que pode ser desenvolvido experimentalmente nas chamadas vanguardas produtivas e depois ampliado para a integralidade da produção (UNGER, 1999, 2018).

## Valores

Como não poderia deixar de ser, o primeiro valor é o da *igualdade*, uma vez que sua ênfase é o que caracteriza a esquerda em contraste com a direita (BOBBIO, 2011). Aqui não se trata da mera igualdade formal perante a lei, tal como pregam os liberais mais conservadores, nem da igualdade absoluta à qual tenderiam as sociedades massificadas de orientação coletivista. A igualdade é premissa de uma comunidade que reconhece as potencialidades e os anseios humanos em todos os indivíduos, independentemente de cor, etnia, gênero, orientação sexual, crença, características físicas ou cognitivas. Ela é ponto de partida, de forma a se garantir a todos oportunidades suficientes para se desenvolverem profissionalmente e se realizarem pessoalmente. E é ponto de chegada, servindo de combate permanente à concentração pessoal de recursos e de poder.

O segundo valor a ser afirmado, ou melhor, reafirmado, é o da *liberdade*. A experiência do socialismo real, ao se contrapor ao liberalismo, acabou negligenciando a importância da liberdade para a emancipação. Ele precisa ser retomado pela esquerda, mas não na versão estritamente econômica pregada pelas correntes neoliberais, mas em sentido

---

<sup>16</sup> A antropóloga francesa Françoise Héritier, herdeira intelectual de Lévi-Strauss, considera que o uso excessivo e hedonista da tecnologia tem restringido o tempo que se costumava dedicar à reflexão, à inovação, à descoberta e à contemplação. Ver mais em: [https://istoe.com.br/342666\\_A+TECNOLOGIA+GERA+ALIENACAO/](https://istoe.com.br/342666_A+TECNOLOGIA+GERA+ALIENACAO/)

amplo. Isto é, da possibilidade de os indivíduos, dada as condições de igualdade necessárias, desbravarem todas as possibilidades disponíveis de fruir da própria existência.

Relacionado à liberdade está a *autonomia*. Esse é um valor que se desdobra da conjugação da igualdade com a liberdade. Só é autônomo aquele que, em condição de igualdade perante os demais, escolhe livremente o caminho que deseja seguir. Essa é uma definição facilmente assimilável pela esquerda, contudo ela exige a compreensão de uma opção que alguns indivíduos fazem deliberadamente por não se submeterem às relações tradicionais de trabalho. No Brasil, em especial, esse desejo é crescente. É uma escolha legítima, que cabe à esquerda entender, sem deixar de apresentar alternativas ao processo de precarização que é falsamente apresentado como empreendedorismo.

Outro valor a ser apreciado é o de *mérito*. Assim como o empreendedorismo pode ser apresentado de forma ideológica, o mesmo ocorre com o discurso meritocrático. É comum a direita enfatizar a meritocracia como um regime que premia o mérito individual – muitas vezes o confundindo com “esforço” – ignorando as condições que levam a que a concorrência se dê em condições muito desiguais. Corrigidas essas disparidades, no entanto, o mérito pode funcionar perfeitamente como critério de avaliação de boas iniciativas e, consequentemente, de incentivo na busca pela excelência.

Associado ao mérito está outro valor importante e que lhe dá sustentação, que é a *concorrência*. Para que aquele possa ser corretamente avaliado, é preciso que esta ocorra em igualdade de condições. Dessa forma, a concorrência não precisa ser descartada como sendo um mecanismo intrinsecamente perverso do capitalismo, podendo também operar como estímulo ao aprimoramento mútuo dos indivíduos, grupos e instituições. Não é plausível acreditar que em uma sociedade emancipada todas as formas de competição seriam extintas, como já se cogitou<sup>17</sup>, e o esporte é um ótimo exemplo de que a concorrência pode se dar sob condições justas e razoáveis.

## Instituições

A boa notícia em relação às instituições que devem compor um novo projeto de esquerda é que elas não precisam ser criadas pelas mãos de um demiurgo, posto que já existem. Não obstante, como nem sempre servem aos propósitos da transformação social e

---

<sup>17</sup> Alec Nove menciona que no início da URSS setores minoritários, contrários a qualquer forma de competição, defenderam que o futebol fosse substituído pela ginástica coletiva sem, no entanto, obter qualquer sucesso (NOVE, 1989, p.303).

da emancipação humana, será preciso reformá-las segundo os objetivos que se queira alcançar. Há fundamentalmente um conjunto de reformas destinado à adequação de cada um dos dois entes consagrados pelas sociedades modernas à realidade econômica e social do século XXI: o Estado e o mercado.

Ao longo do último século, esquerda e direita consolidaram visões opostas sobre a coexistência entre essas duas entidades. A esquerda defendeu o fortalecimento do Estado e o enfraquecimento do mercado, e a direita, ao contrário, advogou a ampliação do mercado e a redução do Estado. Essas dicotomias estão ultrapassadas. A história já mostrou que eles desempenham tarefas distintas e que o fazem mais qualificadamente quando optam por fazê-lo de forma colaborativa. A questão crucial não é “Estado ou mercado?”, e sim “qual Estado e qual mercado?”.

Começando pelo Estado, ele deve ser entendido como o instrumento primordial do exercício do poder, o que pode ser feito de forma autoritária ou democrática. A via democrática, aqui defendida, se efetiva com o máximo de participação possível dos cidadãos, o que destoia do seu projeto original. A democracia representativa moderna, tal como foi pensada pelos federalistas, servia para obstar a participação popular e evitar as mudanças, desacelerar a política. É possível inverter parcialmente essa lógica e reacelerar a política combinando características próprias de dois sistemas já experimentados, o presidencialismo e o parlamentarismo, e recorrendo a formas de intervenção direta, como plebiscitos e referendos, como propõe o filósofo brasileiro Mangabeira Unger (1999).

Um Estado forte e democrático requer funcionários qualificados e conscientes de sua missão pública. Já existe uma série de mecanismos de seleção e de capacitação disponíveis às instituições para que o quadro burocrático seja formado por profissionais de excelência, mas ainda há pelo menos dois aspectos que carecem de reparos. O primeiro diz respeito à escandalosa disparidade salarial entre a base e a elite do funcionalismo público. Os membros da elite, além de contarem com uma ótima remuneração, desfrutam de auxílios e benefícios que destoam demais da realidade enfrentada pela grande maioria dos cidadãos. Já os que pertencem à base recebem uma remuneração bem mais modesta e planos de carreira pouco estimulantes. O segundo aspecto tem a ver com a avaliação de desempenho, que em muitos casos é tratada como mera formalidade burocrática para a progressão funcional e não como oportunidade de aperfeiçoamento de processos e indivíduos. Já há instrumentos à disposição das instituições para o cumprimento da tarefa avaliativa, e eles só precisam ser aplicados com maior eficácia.

Ainda sob a responsabilidade predominante do Estado, é imprescindível falar da educação. Tema de eterna disputa entre conservadores, liberais e progressistas, cada grupo tende a enfatizar o que acredita ser sua função precípua: a formação de uma consciência moral, a capacitação para a resolução de problemas ou a construção do senso crítico. Quem toma contato com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional percebe que os legisladores contemplaram essas e outras dimensões da formação dos educandos. O que está ausente da lei, e mesmo do Plano Nacional de Educação atualmente em vigor, é uma visão clara do papel que a educação deverá desempenhar na chamada “economia do conhecimento”. Essa é uma discussão em aberto, mas entre os intelectuais que se dedicam ao assunto impera um consenso de que ela terá uma função articuladora de diversos saberes, em vez de mera propagadora de um conhecimento enciclopédico (DOWBOR, 2010; FERRETTI, 2008; UNGER, 2018).

O Estado também deverá ter um papel preponderante nas áreas associadas ao bem-estar da coletividade, seja oferecendo diretamente os serviços, seja coordenando redes de cooperação público-privadas. Das áreas mais sensíveis, a saúde é a que tem o melhor projeto, porém com uma execução muito aquém das necessidades da população. O Sistema Único de Saúde (SUS) é uma conquista reconhecida mundialmente, mas que exige aperfeiçoamento urgente. Uma proposta viável seria a de instituir, nos currículos das universidades públicas, a obrigatoriedade de os recém titulados iniciarem sua vida profissional em regiões mais carentes do país. Seriam naturalmente bem remunerados e ainda poderiam se orgulhar de prestarem um grande serviço à sociedade<sup>18</sup>.

Urbanização e transporte, problemas sérios em todas as grandes cidades do mundo, também só podem ser solucionados com uma intensa participação do Estado, que deve promover um planejamento que estimule o desenvolvimento de regiões menos populosas. Assim, elas poderão gerar oportunidades de emprego e moradia e atrair o contingente excedente das zonas metropolitanas.

A questão da segurança pública é provavelmente o problema mais grave dos últimos anos e para o qual a esquerda mais encontra dificuldades de oferecer propostas. A solução típica da direita – repressão e encarceramento – falhou clamorosamente. É um desafio para o qual não se tem um modelo infalível, mas dois fatores se mostram imprescindíveis: a firme atuação do Estado na coordenação dos órgãos de segurança e no

---

<sup>18</sup> O Programa Mais Médicos foi uma ideia interessante para os interesses corporativistas de uma categoria social e politicamente muito influente.

investimento de inteligência; e a drástica redução das desigualdades econômicas e sociais<sup>19</sup>. As esquerdas precisam abraçar o tema e buscar caminhos efetivos para o enfrentamento ao crime organizado, dialogando com os especialistas na área e os profissionais de campo.

Chega-se, enfim, ao papel desempenhado pelo mercado, e ele é tão relevante quanto o do Estado. Mas para que ele possa servir aos interesses coletivos e não apenas aos de grupos privados, precisa ser reformado. Algumas possibilidades foram sugeridas por Nove (1989) nas partes finais de seu livro, publicado ainda no contexto da derrocada do modelo socialista de planificação centralizada. Uma delas é a construção de um mercado composto por organizações públicas e privadas, distintas em escala produtiva, complexidade tecnológica e relações de trabalho, das empresas estatais centralizadas às iniciativas individuais, passando pelas cooperativas.

Essa estrutura já existe em praticamente todas as nações contemporâneas, mas com diferentes modelos de interação entre a liberdade empresarial e a intervenção estatal. Nesse assunto, o maior entrave ao desenvolvimento brasileiro é a concepção maniqueísta de suas elites intelectuais. À esquerda, o empresariado é encarado como uma classe homogênea, movida exclusivamente pela ganância e pelo egoísmo desmedidos. À direita, a burocracia estatal é percebida indistintamente como uma casta ineficiente e corrupta, cujo objetivo principal é atrapalhar os indivíduos enquanto se beneficia de seus impostos. Ambas as interpretações estão equivocadas, uma vez que não captam a complexidade inerente à dinâmica social e a reduzem à questão moral. Cabe tanto aos agentes do Estado quanto do mercado encontrarem uma área de convergência entre interesses particulares e gerais e proporem formas institucionais e jurídicas que viabilizem a colaboração mútua entre esses entes.

No âmbito jurídico também é preciso elaborar soluções que se adequem ao dinamismo do desenvolvimento produtivo sem que permita a degradação das relações de trabalho. É possível pensar, por exemplo, em novas formas de trabalho associadas à propriedade acionária em uma empresa. Seria uma maneira de estimular o comprometimento dos funcionários e, ao mesmo tempo, repassar a eles uma parcela maior do resultado de seu esforço. Uma ideia que se assemelha ao modelo cooperativo, mas extensivo também às grandes empresas centralizadas. Pode-se também imaginar formas de propriedade condicionais, temporárias, paraestatais, com ou sem fins lucrativos. As

---

<sup>19</sup> O relatório de 2021 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) ratifica a constatação antiga de que a violência tem estreita relação com as desigualdades. Ver mais em: [https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/migration/latinamerica/undp-rblac-irdh-PNUD\\_C04-PT.pdf](https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/migration/latinamerica/undp-rblac-irdh-PNUD_C04-PT.pdf)

possibilidades são infindáveis. Mas para que elas se tornem viáveis, será preciso recorrer às potencialidades criativas do direito e, sobretudo, da política.

Para encerrar, é preciso mencionar os problemas do financiamento público e da previdência. É fácil compreender que um país de renda média baixa e com sérios problemas estruturais como o Brasil encontre dificuldades para formar uma poupança que sustente os investimentos necessários sem recorrer ao endividamento junto aos bancos. A maioria da população não consegue destinar parte de seus ganhos a investimentos de longo prazo porque os salários mal conseguem suprir os gastos correntes. Somado a isso, as projeções apontam para a diminuição da população economicamente ativa em relação à inativa, o que futuramente inviabilizará por completo a já combatida previdência social. É preciso encontrar saídas para evitar esse desastre econômico e humanitário.

Mais uma vez, é possível que a solução esteja no mercado. Já existem alternativas de previdência complementar disponíveis a uma parte dos trabalhadores; o que lhes falta é o conhecimento que lhes permita reconhecê-las. Em parte, a responsabilidade por isso é de setores da esquerda que, ao se depararem com a expressão “educação financeira”, entendem que o que se quer é ensinar capitalismo ao povo. Ainda que os sujeitos não sejam ignorantes como se imagina, se os progressistas se retirarem do debate, os neoliberais tentarão convencê-los de que todos podem se tornar os novos Bill Gates e Jeff Bezos<sup>20</sup>. Cabe às forças de esquerda disputar os rumos dessa discussão.

E, voltando uma última vez ao tema da igualdade, é preciso lutar para que todos tenham direito a um salário digno, que permita a satisfação das necessidades biológicas e das necessidades, por assim dizer, espirituais. Remuneração que dê a chance de planejar uma aposentadoria tranquila e prazerosa. Se bem-sucedidos na empreitada, poderemos imaginar um cenário em que os pobres não apenas entrem no orçamento, mas que assumam o protagonismo da reconstrução nacional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A interpretação apresentada neste artigo não tem a pretensão de ser exata na descrição das várias correntes que compõem a esquerda. Fez-se a opção por identificar as que projetam maior influência sobre os seus rumos e que, portanto, possuem relação estreita com a crise que ela enfrenta. E, embora cada uma dessas correntes tenha sido

---

<sup>20</sup> Fundadores da Microsoft e da Amazon, respectivamente.

identificada com uma organização partidária, na prática elas se entrelaçam de maneira orgânica, de forma que os dilemas do saudosismo, do sectarismo e do conformismo devem ser, em maior ou menor medida, enfrentados por todos.

As críticas aqui apresentadas não têm a intenção de menosprezar a importância das organizações mencionadas, que representam ou já representaram parcelas importantes da sociedade brasileira. É pelo respeito à história de cada uma delas que se buscou trazer à reflexão seus dilemas. Da mesma forma, não se questiona a legitimidade das pautas que essas organizações e os setores a elas associados defendem, mas a maneira como são abordadas, que acabam por criar uma desorientação da esquerda sob os três aspectos mencionados: a desconexão com a realidade, a perda do senso de comunidade e o distanciamento do desígnio.

Essa tripla desorientação tem como grave consequência, e esse é ponto crucial, a imobilização dos progressistas na formulação de um novo projeto de transformação social. É em função da importância que se atribui à questão que se ensaiaram, de forma muito resumida e superficial, alguns elementos a partir dos quais se pode começar a pensar essa construção. Esse esforço inicial é um convite à reflexão de todos aqueles que desejam perpetuar os sonhos de homens e mulheres que lutaram pela emancipação da humanidade. E, embora aqui se escreva de uma perspectiva de esquerda e voltada especialmente aos que com ela se identificam, o convite é extensivo a todos que desejam ver a vitória da grandeza sobre a mediocridade.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, G. *Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- ANDRIOLO, E. V. "Fake news" e o mito: a revolta contra as mediações. Em: *Bolsonarismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2020.
- BOBBIO, N. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CASTELLS, M. *O poder da Identidade*. 9. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- DOMINGUES, J. M. *Uma esquerda para o século XXI: horizontes, estratégias e identidades*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.
- DOWBOR, Ladislau. *A educação frente à economia do conhecimento*. *ComCiência* [online], v. 119, p. 0–0, 2010.

- DUTRA, R. Crise programática, moralização da política e o bolsonarismo. Em: MONTEIRO, G. T.; TEIXEIRA, C. S. G. (Eds.). *Bolsonarismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2020. p. 281–308.
- FERRETTI, C. J. Sociedade do conhecimento e educação profissional de nível técnico no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 38, n. set/dez, p. 637–656, 2008.
- FORNAZIERI, A. Esquerda: uma crise de pressupostos. Em: FORNAZIERI, A.; MUANIS, C. (Eds.). *A crise das esquerdas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 193–257.
- FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. *Cadernos de Campo*, v. 15, n. 14–15, p. 231, 2006.
- FUKUYAMA, F. Os últimos 30 anos na política mundial: o que mudou? *Jornal of Democracy*, v. 9, n. 1, p. 1–19, 2020.
- GRAMSCI, A. Discorso agli anarchici. *L’Ordine Nuovo*, v. 43, p. 396–401, 3 abr. 1920.
- HICKS, S. R. C. Guerra Cultural: como o pós-modernismo criou uma narrativa de desconstrução do ocidente. São Paulo: Faro Editorial, 2021.
- IASI, M. L. As metamorfoses da consciênci de classe: o PT entre a negação e o consentimento. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- LACERDA, M. B. O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Zouk, 2019.
- MARIANO, R. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MELLO, P. C. A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. Kindle ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MIGUEL, L. F. O colapso da democracia no Brasil: da constituição ao golpe de 2016. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019.
- MILIBAND, R. Reflexões sobre a crise dos regimes comunistas. Em: ROBIN BLACKBURN (Ed.). *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 21–35.
- MORETO, V. PT or not PT: o antipetismo como valor simbólico de classe. 2020. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/o-antipetismo-como-valor-simbolico-de-classe/>>. Acesso em: 21 maio. 2023.
- MOURA, M. A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- NG, E. No Grand Pronouncements Here.: Reflections on Cancel Culture and Digital Media Participation. *Television and New Media*, v. 21, n. 6, p. 621–627, 1 set. 2020.
- NOBRE, M. Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Todavia, 2020.
- NOVE, A. *A Economia do Socialismo Possível*. Rio de Janeiro: Atica, 1989.
- NUÑEZ, I. S. De provas e convicções: os efeitos da Operação Lava-Jato e a eleição de Jair Bolsonaro. Em: *Bolsonarismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e editora, 2020.

PINHEIRO-MACHADO, R. Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis saídas para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PLUCKROSE, H.; LINDSAY, J. Teorias cínicas: como a academia e o ativismo tornam raça, gênero e identidade o centro de tudo - e por que isso prejudica a todos. São Paulo: Faro Editorial, 2021.

RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: [s.n.].

SAMUELS, D. J.; ZUCCO, C. Partisans, Antipartisans, and Nonpartisans. [s.l.] Cambridge University Press, 2018.

SANTOS JUNIOR, M. A. DOS. #Vaipracuba: a gênese das redes de direita no Facebook. Curitiba: Appris, 2019.

SINGER, A. V. Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

UNGER, R. M. Democracia realizada: a alternativa progressista. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

UNGER, R. M. A economia do conhecimento. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

**William Alexandre Peixoto de Magalhães**

Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é Assistente em Administração da UFF.